

FACES DE UM BRASIL MODERNO: REPRESENTAÇÕES A PARTIR DA OBRA *LEITE DERRAMADO*, DE CHICO BUARQUE

Francine Michele Rodrigues (PPGPMC-FEEVALE)

Marinês Andrea Kunz (UFPB)

RESUMO

O artigo propõe um diálogo entre a obra literária *Leite Derramado*, de Chico Buarque, e as reflexões acerca da cultura brasileira, especialmente em relação às dicotomias e aos contrastes que se fortalecem na medida em que o país busca a modernidade e ideais de igualdade, ainda que mantendo seu ideário conservador. Essas reflexões tornam-se possíveis a partir da análise do romance, posto que o protagonista, Eulálio, nascido e criado em uma família tradicional da elite carioca no início do século XX, usufrui dos privilégios de ter nascido nessa classe. Contudo, no decorrer de sua trajetória, a decadência econômica e social se apresenta, fazendo com que a personagem passe a sobreviver à margem, não mais como alguém pertencente às classes superiores, mas como um indivíduo agora pertencente às “massas”. Dessa forma, a partir das representações presentes na obra, são discutidas as múltiplas faces de um Brasil semitradicional, que se mantém estruturado em relações verticais, colocando em cena uma igualdade abstrata e uma democracia seletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura Brasileira. Literatura brasileira. Modernidade. Representação

ABSTRACT

This article proposes a dialogue between the literary work *Leite Derramado*, by Chico Buarque, and reflections about Brazilian culture, especially related to the dichotomies and contrasts that are strengthened as the country seeks modernity and equality ideals, maintaining its conservative ideas. These reflections become possible from the analysis of the novel, since the main character, Eulálio, born and raised in a traditional family of the elite in Rio de Janeiro in the early twentieth century experiences, during his social trajectory, the privileges of having been born in this class. However, in the course of his trajectory, economic and social decay appears, causing the character to survive on the margins, no longer as someone belonging to the upper classes, but as an individual now belonging to the "masses". In this way, it is from the representations present in the work that the multiple faces of a semi-traditional Brazil will be discussed, which remains structured in vertical relations, putting into play an abstract equality and a selective democracy.

KEYWORDS: Brazilian culture. Brazilian literature. Modernity. Representation.

“Quando eu morrer, meu chalé cairá comigo, para dar lugar a mais um edifício de apartamentos.

Terá sido a última casa de Copacabana, que então se igualará à ilha de Manhattan, apinhada de arranha-céus.”

Eulálio, em *Leite Derramado*

INTRODUÇÃO

O Brasil e seu povo, os brasileiros, nasceram da confluência de diferentes matrizes étnicas e tradições culturais, desde os primeiros contatos entre os invasores portugueses, os indígenas, que já habitavam estas terras, e, posteriormente, os negros africanos trazidos como escravizados, em movimentos marcados por intensas disputas, conflitos e violência (RIBEIRO, 1995, p. 19). Darcy Ribeiro (1995, p. 19-20) explica que desses processos surgiu um povo novo, mestiço, diferente de suas matrizes formadoras, marcado por uma cultura sincrética, e que erigiu um modelo de estrutura societária, fundado em um novo tipo de servidão e escravidão, voltado aos interesses portugueses e ao mercado mundial.

Dominada pela matriz lusitana, a estrutura sócio-econômica desta nova sociedade foi, desde o princípio de sua formação, organizada e mobilizada para a geração de lucros exportáveis, a fim de os colonizadores manterem-se como provedores coloniais frente ao mercado mundial, o que foi possibilitado pelo desgaste e o massacre da população nativa e pela servidão imposta aos negros africanos importados para os fins da coroa. Assim, esse contexto e as relações formatadas continuaram a permear as estruturas políticas, econômicas e sociais posteriores à invasão portuguesa, especialmente nos períodos colonial e imperial.

No entanto, com a Abolição da Escravatura, em maio de 1888, e a Proclamação da República, em novembro de 1889, abriu-se um novo cenário, despertando novas utopias,

projeções, possibilidades e esperança de liberdade, bem como de oportunidades e melhores condições de vida para todos. Lilia Schwarcz (2020, p. 19) recorda que “A República surgiu alardeando promessas de igualdade e de cidadania – uma modernidade que se impunha menos como opção e mais como etapa obrigatória e incontornável”. Contudo, Schwarcz (2020, p. 20) complementa que

Esse cenário seria, porém, convulsionado pela entrada dos racismos e das teorias raciais de toda ordem, que impulsionaram novas divisões entre os grupos humanos, agora justificadas por argumentos e teorias biológicas. [...] Em vez da trajetória assimilacionista que se apresentava como estrada de percurso longo, mas possível, houve a retomada de um projeto hierárquico, agora pautado na diferenciação racial – nova moeda corrente.

Essa reversão de expectativas, gerada por um novo racismo científico e por novos critérios de alteridade racial, religiosa, étnica, geográfica e sexual, passaria a delinear os sinais e marcadores físicos que definiriam a inferioridade e a falta de civilização de determinados grupos. Assim, “o resultado foi a condenação generalizada de largos setores da sociedade, como negros, mestiços e também imigrantes, sob o guarda-chuva seguro da biologia” (SCHWARCZ, 2020, p. 21)

Da mesma forma, Oliveira (1988, p. 311) reflete que “o conceito de modernismo ‘antecipa’ uma realidade que de fato não estaria acontecendo”. Essa afirmação remonta à perspectiva de que a República recém-formada tinha em vista alcançar os modelos civilizatórios europeus, especialmente os franceses, almejando novas formas de sociabilidade urbana. Contudo, o que ocorreu no Brasil é que “o conceito de modernização combinou-se com o de tradição” (SCHWARCZ, 2020, p. 22). Assim, essa realidade remete à coexistência dos polos modernização-tradição, conceitualmente antagônicos, levando não à integração e à cidadania, mas à separatividade e à exclusão daqueles que não eram considerados civilizados e que, por isso, ficariam relegados à margem das cidades e da modernidade.

Dessa fragmentação, segundo Schwarcz (2020, p. 24), resulta

De um lado, a cidade, definida pela indústria, pelas oportunidades de trabalho, pelo mercado, mas também por uma política de exclusão e de distanciamentos. De outro lado, os “demais Brasis”, perdidos nos sertões, longínquos na realidade e na imaginação, ou nas florestas fechadas. Aí estavam “dois Brasis” que eram na verdade um só, mas a conviver de maneira ambivalente e conflituosa.

Assim, é a perspectiva da coexistência desses “dois Brasis” que fundamenta a reflexão proposta neste artigo. Com foco na obra literária *Leite Derramado*, de Chico Buarque, publicada em 2009, pretende-se discorrer, a partir da trajetória de Eulálio, narrador e personagem principal, a respeito dos ideários, das ambiguidades, dos contrastes e aspectos fundantes das relações entre os diferentes grupos étnicos e as distintas camadas sociais do Brasil moderno. A trajetória de Eulálio nos permite refletir sobre as representações desses “dois Brasis”, posto que o próprio narrador nasceu em uma família tradicional da elite carioca, mas que, devido à decadência econômica e social, transita para o Brasil dos excluídos, daqueles que estão à margem.

Em relação à importância da literatura para se pensar a cultura brasileira, Saraiva, Mügge e Kaspari (2017, p. 42) afirmam que

O legado cultural que plasma a identidade brasileira é, simultaneamente, matéria e produto das manifestações artísticas nacionais, em especial, da literatura. A representação de normas de regulação de comportamentos, de convicções e crenças é instituída por meio de obras literárias, que podem ser apreendidas como reveladoras da identidade de um povo. Por essa razão, segundo Leyla Perrone-Moisés, “as obras literárias esclarecem tanto ou mais do que discursos políticos, como são construídos os conceitos de nação e de identidade nacional” (2007, p.18).

Nesse sentido, além das representações da história do Brasil moderno, a partir das narrativas de Eulálio, a obra também nos permite refletir sobre o rito do “sabe com quem está falando?” — importante aspecto da cultura brasileira, que, segundo Roberto DaMatta (1997, p. 182), “fica escondido de nossa imagem (e auto-imagem) como um modo de ser brasileiro, pois que revelador do nosso formalismo e da nossa maneira velada (e até hipócrita) de demonstração dos mais violentos preconceitos”. Esse rito se faz presente em diversos

momentos da narrativa de Eulálio, que, mesmo tendo perdido suas posições políticas, econômicas e sociais, continua a evocar seu sobrenome e sua linhagem como expressão de um sentimento de superioridade, que, como veremos, não é da ordem da subjetividade individual, mas um aspecto intrínseco às estruturas e relações sociais do país, presentes desde sua formação.

Dessa forma, o presente artigo propõe um diálogo entre o contexto social do início do século XX, em que se inicia o processo de modernização no Brasil, a partir das discussões teórico-conceituais de Lilia Schwarcz, e a narrativa memorialística de Eulálio e suas representações, com base no rito do “sabe com quem está falando?”, discutido por Roberto DaMatta. Pretende-se, assim, apreender a essência desse imaginário que permeava as relações e estruturas sociais com a chegada da modernidade no país, e que, atualizadas, se sustentam até os dias atuais neste Brasil que se faz, segundo o autor, semitradicional.

ENTRE PESSOAS E INDIVÍDUOS, AS RELAÇÕES SOCIAIS NO BRASIL

A fim de apreender os aspectos que norteiam as relações sociais no Brasil, é necessário versar sobre as noções de pessoa e de indivíduo, que, segundo Roberto DaMatta (1997, p. 232), nós, enquanto brasileiros, “parecemos utilizar tanto uma quanto a outra categoria. Em razão disso, temos a possibilidade de exprimir a realidade social brasileira por meio de um código duplo, como tem sido percebido por grande número de estudiosos do nosso cenário cultural”. Nesse sentido, em relação à noção de pessoa no Brasil, é possível refletir sobre um *sistema de pessoas*, em que, de acordo com DaMatta (1997, p. 232-233),

todos se conhecem, todos são “gente”, todos se respeitam e nunca ultrapassam seus limites. Vale dizer: todos conhecem seus lugares e ali ficam satisfeitos. É nesse sistema de pessoas, que sustenta o universo social segmentado em famílias, grupos compactos de profissionais, bairros e a famosa e sempre presente ideologia ariana e racista que hierarquiza ou ajuda a hierarquizar nossas relações entre pessoas, que as leis são feitas e se estabelece a confusão entre a regra e o seu autor que, por realizá-la materialmente, pode, é óbvio, deixar de segui-la. É nesse universo de pessoas que encontramos os medalhões, os figurões, os ideólogos, as pessoas-instituições (com o perdão da redundância): aqueles que não nasceram, foram fundados.

Assim, é no seio de uma tradicional família da elite carioca, de ideologia ariana, que Eulálio, narrador e personagem principal da obra *Leite Derramado*, nasceu e foi criado. Na obra, o representante desse grupo social já se encontra sob o peso de seus cem anos de idade e de uma condição de saúde extremamente debilitada. Do leito de um hospital, Eulálio vagueia entre memórias, recordando os tempos em que o nome de sua família era prestigiado, bem como o início do século XX, quando sua posição social lhe abria portas, como no trecho que segue:

Mas eu não tinha dúvida de que, para mim, a porta certa se abriria sozinha. De trás dela, me chamaria pelo nome justamente a pessoa que eu procurava. E esta me anunciaria com prestreza à pessoa influente, que desceria as escadas para me buscar. E me abriria seu gabinete, onde já me aguardariam várias chamadas telefônicas. E pelo telefone, poderosas pessoas me soprariam as palavras que desejavam ouvir. E de olhos fechados, eu molharia pelo caminho as mãos que meu pai molhava. E pelo triplo do preço tratado, me comprariam os canhões, os obuses, os fuzis, as granadas e toda a munição que a Companhia tivesse para vender. Meu nome é Eulálio d’Assumpção, não por outro motivo a Le Creusot & Cia. me confirmou como seu representante no país. (BUARQUE, 2019, p. 44).

A partir do trecho supracitado, diversos aspectos importantes se apresentam em consonância com o *sistema de pessoas* proposto por DaMatta, especialmente em relação aos que “não nasceram, foram fundados”. Dessa forma, fica evidente a importância do papel da família de origem na abertura de portas e, portanto, de oportunidades de trabalho, como o próprio narrador afirma ser “não por outro motivo”, que não o nome de sua linhagem.

Essa perspectiva reforça também a importância das relações de apadrinhamento ou de alguém influente, como, no caso, o pai de Eulálio, como ponte de acesso a melhores condições de vida. São essas relações que permitem ao sujeito manter-se como *pessoa* ao direcionar-se da casa (do lar, da família de origem) para a rua (as relações sociais e trabalhistas). Nesse sentido, quando fazem uso do “sabe com quem está falando?” ou de formas mais brandas de demonstrar sua “verdadeira” identidade social, os sujeitos se colocam “não mais como cidadãos da República, iguais perante a lei, mas como pessoas da sociedade, relacionadas essencialmente com certas personalidades e situadas acima da lei” (DAMATTA, 1997, p. 236)

Dessa forma, em outros trechos da obra ficam ainda mais evidentes os ritos do “sabe com quem está falando?”, ou seja, do uso da identidade social e da linhagem, pela personagem, como forma de colocar-se como superior ou como autoridade diante dos demais. Assim, do leito do hospital, já com a saúde debilitada e sem os recursos financeiros e privilégios que outrora fizeram parte de sua vida, Eulálio não perde a “pose” e continua a utilizar-se dessa narrativa, como no trecho em que se direciona ao médico:

Saiba o doutor que meu pai foi um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes, sua morte brutal foi divulgada até em jornais da Europa, onde desfrutava imenso prestígio e intermediava comércio de café. Tinha negócios com armeiros da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século, ainda muito jovem, fez sociedade com empresários ingleses. [...] Fique sabendo que meu avô já nasceu muito rico, não iria macular seu nome por se locupletar com dinheiro público. [...] Se amanhã eu morrer envenenado, todos aqui hão de me ver nessa televisão que não desligam nunca. Esta pocilga será interdita pela vigilância sanitária, e voltarei para puxar seus pés, e vocês vão dormir na rua. (BUARQUE, 2019, p. 52-53)

O tom de ameaça que a fala do personagem lança ao hospital revela o autoritarismo intrínseco ao uso dessa expressão. Contudo, DaMatta (1997) reforça que o rito do “sabe com quem está falando” normalmente acaba sendo interpretado, como acontece nos casos de racismo, como algo que ocorre por acaso, que é originário da subjetividade de quem proclama, e não como a atualização de princípios e valores estruturais de nossa sociedade.

Por outro lado, os estudos de DaMatta (1997, p. 220) reforçam que

No caso do Brasil, tudo indica que a expressão permite passar de um estado a outro: do anonimato (que revela a igualdade e o individualismo) a uma posição bem definida e conhecida (que expressa a hierarquia e a pessoalização); de uma situação ambígua e, em princípio, igualitária, a uma situação hierarquizada, onde uma pessoa deve ter precedência sobre a outra.

Nesse sentido, torna-se evidente o sistema binário de classificação social que estabelece diferenças nos mais diversos grupos, categorias e situações, sobretudo, entre iguais. De um lado, aqueles que são considerados pessoas, que têm família e relações com “gente do alto”, ou que podem levar ao topo da hierarquia, aqueles para quem as leis podem ser personalizadas e flexibilizadas. De outro, os indivíduos, aqueles que, ao estarem diante do “sabe com quem está falando?”, passam de “cidadãos brasileiros” a sujeitos inferiorizados e sem qualquer direito (DAMATTA, 1997, p. 215).

Essa dupla moralidade, presente nas relações entre os que se reconhecem como pessoas, em oposição aos indivíduos, relegados às leis universalizantes sem nenhuma consideração, distinção ou atenuantes, reforça o velho ditado brasileiro: “aos inimigos a lei, aos amigos, tudo!” (DAMATTA, 1997, p. 217). Ainda segundo DaMatta (1997, p. 221), é na civilização ocidental que a ideia de indivíduo é apropriada ideologicamente.

Assim, a decadência econômica e social que recai sobre o protagonista, Eulálio, e sua família expressa a liminaridade, o movimento de passagem da personagem de uma posição em que era reconhecido como pessoa para uma nova realidade como indivíduo, como expresso no trecho a seguir, em que se dirige aos enfermeiros e demais presentes no hospital:

Ouçó suas vozes, e posso deduzir que são pessoas do povo, sem grandes luzes, mas minha linhagem não me faz melhor que ninguém. Aqui não gozo privilégios, grito de dor e não me dão meus opiáceos, dormimos todos em camas rangedoras. Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço. Ninguém vai querer saber se por ventura meu trisavô desembarcou no Brasil com a corte portuguesa. De nada adianta me gabar de ele ter sido confidente de dona Maria Louca, se aqui ninguém faz ideia de quem foi essa rainha. Hoje sou da escória igual a vocês, e antes que me internassem, morava com minha filha de favor numa casa de um só cômodo nos cafundós. (BUARQUE, 2019, p. 50)

Nesse trecho, fica clara a consciência do narrador em relação à posição social em que se encontra agora, como indivíduo, em posição de igualdade em relação aos demais, ainda que mantenha o senso de superioridade. Nesse sentido, para DaMatta (1997, p. 247), “nada mais drástico do que a passagem do mundo das pessoas ao universo dos indivíduos”, situação que acontece com a maioria integrante das massas, do povo, quando sai do lar e da família, em que é reconhecido como pessoa, para a rua, onde será apenas um indivíduo.

Assim, a partir da trajetória de Eulálio e da dialética da pessoa e do indivíduo, é compreensível a base que formata as relações entre os diferentes “Brasis”. Diante de um pequeno grupo que emerge para a modernidade e dita as leis a serem seguidas pelas massas, é que se movimenta o projeto de nação burguesa, moderna e capitalista, como veremos na próxima sessão.

ENTRE MODERNIDADE E TRADIÇÃO, O BRASIL

Diante das discussões propostas até o momento, tornou-se evidente o aspecto binário que permeia as relações sociais no Brasil. Dessa forma, em *Leite Derramado*, Eulálio também nos dá outros exemplos dessas relações e dos contextos correntes no início desse período, como no trecho em que afirma: “Meu avô foi um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical, queria mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África, mas não deu certo. Seus próprios escravos, depois de alforriados, escolheram permanecer nas propriedades dele” (BUARQUE, 2019, p. 15).

Podemos compreender esse trecho a partir de Schwarcz (2020, p. 26), que afirma:

Se parte da população entendeu a abolição como um processo verdadeiramente revolucionário, que trouxe a possibilidade de desenhar um futuro mais democrático e inclusivo, por outro, ela foi percebida como “dádiva”, benesse, e não como o resultado de luta e conflito. [...] Ora, feita a abolição, boa parte da população recém-liberta atribuiu à monarquia e à princesa o mérito da “glória concedida”. É nessa perspectiva que podemos entender movimentos como a Guarda Negra (grande defensora da realeza contra as manifestações republicanas), assim como as inúmeras demonstrações de simpatia e afinidade para com o regime monárquico.

Essa perspectiva da abolição como um presente, compreendida assim por alguns grupos, pode ser observada também em outros trechos da obra *Leite Derramado*, quando Eulálio recorda que “Seu ex-escravo mais chegado, o Balbino, fiel como um cão, ficou sentado para sempre sobre a tumba dele [o avô]” (BUARQUE, 2020, p. 16). Ou, ainda, quando recorda que as gerações seguintes do escravo Balbino continuaram a servir sua família e que, já na terceira geração, ou seja, do neto de Balbino, ainda reverberava essa mentalidade, o que pode ser observado quando Eulálio narra sua relação com ele,

Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. [...] Mas depois que entrei no ginásio, minhas idas à fazenda escassearam, ele cresceu sem estudos e perdemos as afinidades. Só o reencontrava nas férias de julho, e então volta e meia lhe pedia um favor à-toa, mais para agradar a ele mesmo, que era de índole prestativa. (BUARQUE, 2020, p. 18-19)

A observação de Eulálio evidencia a compreensão de que Balbino se comprazia em servi-lo novamente, não como um aspecto estrutural das relações, mas como aspecto de sua “índole prestativa”. Contudo, a fidelidade ao patrão e à coroa revela um arbitrário profundo não só em relação à percepção da libertação como uma benesse, mas também caracterizada pela incerteza sobre o que esperar dessa nova República, devido à falta de políticas de inserção dos escravos agora libertos, na sociedade. Nesse sentido, Schwarcz (2020, p. 27) reforça que

são ambivalentes as recepções da República, sobretudo em seus primeiros anos. E a grita foi geral. Dizia-se que essa era a ‘República que não foi’, temiam-se novas escravizações, assim como se lamentava que a promessa de inclusão social tivesse resultado na mais absoluta exclusão.

Assim, essa perspectiva aparece em consonância com o primeiro trecho de *Leite Derramado* citado nesta sessão, em que Eulálio recorda que o avô desejava “mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África”, já demonstrando essa ideologia que se manifestaria, de fato, na exclusão. Dessa forma, ainda que reconhecendo os negros libertos como brasileiros, a narrativa evidencia as políticas higienistas que emergiram na época, em vistas da criação das cidades modernas e civilizadas, que, além dos critérios étnicos, exigiam um novo “código de posturas, que passou a determinar o comportamento adequado para a população de uma nova e moderna capital” (SCHWARCZ, 2020, p. 49).

A prioridade do momento, portanto, se voltava para a criação de uma sociabilidade à europeia, distante da história colonial e imperial do Brasil (SCHWARCZ, 2020, p. 62). Essa valorização da Europa como exemplo de civilização e modernidade também se faz presente nas memórias dos tempos áureos de Eulálio e de sua família, posto que em muitos momentos de sua narrativa recorda suas idas a Paris. Em relação à sua última viagem, recorda do momento em que a decadência econômica e social já batia à porta, como no trecho a seguir:

Ao descer em Bordeaux, onde ninguém me esperava, eu estava convencido de fazer minha última visita à civilização. Em Paris fui recebido com pasmo, me perguntaram se na América do Sul não chegavam notícias do mundo. Havia mais de um mês fora sustada a importação de café em toda a Europa, levando à falência os atacadistas sócios do meu pai. Em Londres, me falavam de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso da família Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norteamericano. (BUARQUE, 2019, p. 59)

Essa passagem retoma o olhar para a França como grande referência da modernidade e da civilização, bem como a exterioridade com que os próprios brasileiros enxergavam o Brasil, reforçando os contrastes e as ambiguidades. Nesse sentido, Schwarcz (2020, p. 39) assevera que,

por um lado, estavam os novos cenários urbanos, com seus senhores e senhoras vestidos à última moda de Paris, automóveis, edifícios, restaurantes, teatros, lojas variadas e todo tipo de traquitana adequada a esses novos tempos que pareciam ter pressa. Por outro, encontrava-se o sertão longínquo, espécie de ‘parte esquecida do país’, o qual, ao lado do passado escravocrata, afigurava-se alijado da memória da época.

Além disso, a fala de Eulálio também remete ao contexto econômico mundial da época, em que comenta o “crack da bolsa de Nova York”, ou seja, a Grande Depressão de 1929, que viria a impactar também a economia brasileira, posto que o Brasil era o grande produtor e fornecedor de café para o mundo. Assim, diante da iminente crise da agricultura, outros grupos também se encontrariam fora da modernidade idealizada: os imigrantes europeus, que, em um primeiro momento, foram instigados a virem ao Brasil em busca de oportunidades, mas que, posteriormente, também seriam vistos pela perspectiva do racismo científico.

A valorização da mão de obra estrangeira após a Abolição da Escravatura carregava em si intenções diversas, caracterizadas não só pela busca por mão de obra especializada, como por uma perspectiva associada à ideia de “melhoramento” seja pelo branqueamento da população, seja a partir da divulgação ampliada de um ethos de trabalho” (SCHWARCZ, 2020, p. 36). Essa perspectiva retoma, novamente, a força das políticas higienistas baseadas no darwinismo racial, e que intensificavam as problemáticas associadas à mistura e à miscigenação de diferentes culturas, valores e costumes, gerando desequilíbrios, desamparo e descontrole.

Contudo, sob a euforia que marcava a chegada da modernidade, caracterizada pela imigração em larga escala e pelo crescimento acelerado das cidades, também pairava um clima de incerteza e de insegurança, diante dos movimentos geográficos de diferentes grupos em direção à cidade, em busca de melhores condições de vida. Assim, as elites ascendentes da República andavam aliadas aos movimentos do progresso, do capitalismo e da civilização, ou seja, das políticas higienistas e de embelezamento das cidades, bem como do controle e da ordem necessárias para alcançar seus objetivos (SCHWARCZ, 2020, p. 39). Enquanto isso,

todos aqueles que não faziam parte desses grupos seriam cada vez mais relegados às margens, à violência e à busca pela sobrevivência.

Nesse sentido, Schwarcz, (2020, p. 44) recorda que “Era preciso cuidar dos prédios públicos, afastar a pobreza para os subúrbios da cidade, atentar para o transporte coletivo, construir instituições representativas e lidar com as novas sociabilidades urbanas”. Desse ideário, portanto, é que emergem os bolsões de pobreza nas cidades, em uma história que continuaria a ser marcada pelos conflitos e pela violência, agora repaginados para o contexto urbano, entre os movimentos sociais das massas e o aparelho de proteção da ordem e do progresso do novo Estado Republicano.

Assim, não demoraria a transparecer a fragilidade do projeto republicano, posto que o progresso, a modernidade e a civilização pareciam ser para poucos, assim como os enganos iam ficando cada vez mais claros. Com os tantos movimentos que revelavam as diferentes faces do Brasil moderno, frustravam-se as expectativas e os sonhos de igualdade e de cidadania, reconhecidos, então, como ilusão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões desenvolvidas neste artigo, foi possível apreender, ao menos em parte, alguns dos processos e aspectos que se encontram na base das relações sociais do Brasil e que, portanto, dão origem também às tantas faces do nosso país, diante do processo de modernização. Essa é uma longa e complexa discussão, de forma que, para uma compreensão completa, seriam necessários estudos mais aprofundados, bem como mais espaço para sua discussão. Contudo, a compreensão dos ideais da época, aqui apresentados, nos mostram, assim, os valores dominantes nas mãos de um pequeno grupo que continuaria no poder após a Abolição da Escravatura, movimentando seus investimentos na direção de uma imagem externa, privando, com isso, os verdadeiros filhos desta terra das mínimas condições de vida, saúde, educação e oportunidades.

A partir da trajetória de Eulálio, em diálogo com os estudos de Roberto DaMatta e Lília Schwarcz, compreendemos os aspectos centrais deste Brasil. A exemplo do olhar para a

saúde, que é vista a partir de sua faceta mais preocupante, a doença, podemos relacioná-la, como uma metáfora, com as patologias da modernidade, que remontam a essa perspectiva de prioridades e valores voltados para o exterior, e que só se voltam para “dentro” quando os sintomas, as manifestações das desordens já estão fora de controle, quando a dor já é crônica. E é essa mesma perspectiva que este período carrega em muitas de suas dimensões, assim como representado também pela trajetória de Eulálio, quando ele recorda que “bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz” (BUARQUE, 2019, p. 10)

Por fim, é nítido que esses mesmos conceitos e essas relações sociais ainda reverberam atualmente, ainda que repaginados. De fato, não se pode desconsiderar as melhorias que já foram alcançadas, mas com a consciência de que ainda temos um longo caminho de reconhecimento das nossas identidades nacionais e culturais, bem como para alcançar um real estado de cidadania e de igualdade, reconhecendo nossas matrizes e respeitando os diferentes modos de ser e de viver que nos fazem Brasil, posto que, no fim das contas, a trajetória de Eulálio nos lembra que, independente de classe, gênero, cor, origem ou religião, caminhamos todos para o mesmo destino final.

REFERÊNCIAS

- BUARQUE, Chico. **Leite Derramado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A moderna tradição brasileira, de Renato Ortiz**. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- SARAIVA, J. A.; KASPARI, T.; MÜGGE, E. Identidade e literatura: ponte construída pela linguagem. *In: ____*. **Texto literário**. Resposta ao desafio da formação de leitores. São Leopoldo: Oikos, 2017.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. As marcas do período. *In: SCHWARCZ, Lilia. (Org.). A abertura para o mundo: 1889-1930, volume 3*. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A., 2020. p. 19-34.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. População e Sociedade. *In.* SCHWARCZ, Lilia. (Org.). **A abertura para o mundo: 1889-1930**, volume 3. Rio de Janeiro: Editora Schwarcz S.A., 2020. p. 35-83.